

Devedores: situação pior com a ajuda?

David Slawson, da Universidade do Sul da Califórnia, especial para o Los Angeles.

O Fundo Monetário Internacional, com o apoio norte-americano, tem insistido em que os países devedores, que estão encontrando dificuldades para saldar suas obrigações internacionais de empréstimos, adotem medidas para deprimir suas economias como uma condição básica para obter prorrogações ou adaptações em relação aos seus empréstimos. Também com apoio dos Estados Unidos, o Fundo Monetário Internacional está se opondo aos esforços feitos por estes países para melhorar seus balanços comerciais com a adoção de barreiras à importação. Todos certamente se encontrariam em situação melhor do que a atual se estas políticas fossem exatamente inversas.

Uma das argumentações para se exigir que um país devedor deprimira sua economia é que isto serve para reduzir a renda nacional. A redução da renda nacional reduz as importações. As importações reduzidas fazem com que a balança comercial tenda para o superávit. E um superávit no seu balanço comercial permite que um país recolha divisas estrangeiras suficientes — basicamente dólares — para saldar suas obrigações de pagamento de empréstimos.

Muito sofrimento

Mas lançar um país numa situação de depressão causa muitos sofrimentos, principalmente entre os pobres e os desempregados. A maior parte destes países são tão pobres que deprimi-los ainda mais significaria uma má nutrição, e possivelmente até mesmo fome, para milhões dos seus habitantes.

O que é pior ainda, o Fundo Monetário Internacional está promovendo reduções nos serviços sociais como uma forma através da qual estes países podem deprimir suas economias. Isto é algo moralmente repugnante, politicamente perigoso e uma verdadeira ofensa ao bom senso. O sofrimento é um mal; ele também implica num risco de se deflagrar revoluções políticas antidemocráticas em países que são democracias, e repressões ainda maiores em países que não são democracias.

Obviamente, o problema básico de um país que não é capaz de cumprir suas obrigações é que ele não é suficientemente rico. Faz pouco sentido "ajudá-lo" transformando-o num país mais pobre ainda.

As mesmas reduções de importações também poderiam ser conseguidas sem causar a depressão da economia de um país, através da restrição de suas importações. As tarifas poderiam ser aumentadas, cotas poderiam ser impostas, a importação de determinadas mercadorias poderia ser proibida. O dinheiro que a população iria gastar com produtos importados seria então canalizado para a compra de produtos de fabricação doméstica. Isto causaria uma queda no número dos desempregados e, como benefício adicional, as indústrias domésticas ficariam fortalecidas.

O Fundo Monetário Internacional e os países credores de uma forma geral se mostram contrários a esta abordagem da situação, porque ela é um protecionismo, uma implantação deliberada de impedimentos ao comércio internacional. No entanto, eles não parecem ter consciência de que o protecionismo não impediria o comércio internacional mais do que as políticas causadoras de depressão exigidas pelo Fundo Monetário Internacional irá impedir (e já impede). Em ambos os casos, a meta final é a redução das importações, e é esta redução — e apenas ela — que constitui o impedimento ao comércio internacional.

Plausivelmente, apenas duas únicas objeções poderiam ser levantadas. A primeira é que as barreiras protecionistas, uma vez adotadas, serão muito difíceis de serem removidas. No entanto, as economias, uma vez deprimidas, também são difíceis de serem recolocadas no caminho da prosperidade — e isto para não mencionarmos as dificuldades em se inverter os efeitos da desnutrição, da fome, da revolução e da repressão. Além do mais, o Fundo Monetário Internacional poderia utilizar os seus poderes financeiros para forçar os países a acabar com suas barreiras comerciais quando chegar o momento oportuno para que isso aconteça.

Os princípios

A segunda objeção é que o comércio livre é uma questão de princípio. Mas, mesmo se for uma questão de princípio (o que eu duvido que seja), isto não é mais importante do que o princípio de que os ricos não devem oprimir os pobres ou que as pessoas não devem ser obrigadas a passar fome ou abri-

rem mão de suas liberdades políticas.

No entanto, nenhum desses enfoques irão mostrar-se bem-sucedidos a longo prazo, porque existe um excesso de países devedores que estão procurando conseguir grandes superávits nos seus balanços comerciais. Uma vez que aquilo que um país vende um outro país precisa comprar, os países credores terão (no total) déficits comerciais igualmente grandes, e nenhum país pode se dar ao luxo de ter um déficit comercial durante muito tempo. Uma das consequências isto é o aumento do desemprego.

O único enfoque que tem uma certa chance de ser bem-sucedido, a longo prazo, é que os bancos internacionais abram mão de uma parte de suas cobranças de juros excessivamente elevados — digamos, que eles abram mão de taxas de juros superiores a 6%. Afinal, os bancos nada fizeram para merecer o excesso. Este excesso foi um presente dado pela diretoria da Reserva Federal, cuja política de dinheiro difícil aumentou as taxas mundiais de juros a níveis nunca antes alcançados. Quando chegou o momento de pagar as dívidas, os países devedores se viram forçados a pagar até duas vezes as taxas de juros combinadas anteriormente.

Entretanto, os bancos seriam prejudicados de uma forma injusta, se os juros que eles pagam sobre os seus depósitos não diminuíssem ao mesmo tempo. Mas a Reserva Federal poderia evitar que uma coisa destas acontecesse fazendo com que suas políticas monetárias se tornassem suficientemente expansivas para forçar a queda de todas as taxas de juros, da mesma forma como recentemente foi feito para que elas subissem.

As políticas monetárias expansivas causariam uma retomada da inflação? Sim, mas apenas temporariamente. Para a inflação moderna, diferente da "inflação antiga", a política monetária não é uma causa, da mesma forma como não é uma cura. As causas da inflação moderna são condições, quase todas elas inevitáveis, que fazem com que seja relativamente fácil para os vendedores aumentarem os preços e para os empregados conseguirem salários mais elevados. E a única cura eficiente para a inflação moderna seria alguma forma de política de rendimento.